

“Eu, regente?!”: Meu sítio e minha caminhada inicial entre cânticos e coristas

Carlos Renato de Lima Brito

Universidade Federal do Cariri

Universidade Federal da Bahia

renato.brito@ufca.edu.br

Comunicação

Resumo: Neste trabalho, compartilho as discussões iniciais presentes em minha pesquisa de doutorado sobre a regência de corais nas igrejas evangélicas. Na pesquisa, identifico-me com meu objeto de estudo, a partir de uma reflexão autobiográfica da minha atuação como regente, bem como pela aproximação com as epistemologias feministas (ROSA, 2010) que postulam os saberes localizados e corporificados (HARAWAY, 1995). A metodologia utilizada na pesquisa é a autoetnografia (BENETTI, 2017; VERGUEIRO, 2015; SANTOS, 2017). O objetivo geral é refletir a respeito da minha formação e atuação como regente de corais em igrejas evangélicas. Os objetivos específicos são me aproximar de alguns conceitos presentes nas teorias feministas de saberes localizados e comentar registros musicais de atuação pessoal como regente disponibilizados no ciberespaço. Os resultados iniciais apontam para adoção de uma fundamentação teórica consistente, que possa orientar minhas investigações a respeito da regência de corais no evangelicalismo brasileiro e contribuir para melhoria de minha postura pessoal e de outros regentes e professores de música. Além disso, as performances e os ensaios, compartilhados pelas mídias digitais proporcionam um material útil para a descrição e interpretação dos sentidos e dos fazeres de uma cultura musical investigada.

Palavras-chave: regência coral; igrejas evangélicas; autoetnografia.

Introdução

Eu, regente?!

A expressão acima decorre de uma observação recente, feita considerando minha pesquisa e minha formação. Para doutorado, propus investigar a regência de corais em igrejas evangélicas brasileiras. Acostumado ao afastamento entre sujeito e objeto da pesquisa científica, fiquei por alguns meses “olhando de longe” algo que faz parte da minha vida. Quando me dei conta da proximidade da minha experiência com o que pretendia estudar, o óbvio saltou-me os olhos acompanhado de uma surpresa e renovada curiosidade.

Eu também sou regente de corais!

No final do século XX, autores têm criticado os paradigmas da Ciência Moderna, entre os quais a dicotomia entre sujeito e objeto (SANTOS, 2008; KUHN, 1978; BOURDIEU,

2003; POPPER, 1972). Além dessas críticas, há uma crítica contundente formulada pelas epistemologias feministas, que postula a perspectiva dos saberes localizados, gendrados¹ e corporificados (BUTLER, 2003; ROSA, 2010). De acordo com as autoras, não é possível prescindir que a Ciência Moderna, que arrogou para si *status* de verdade universal, represente uma classe social, um gênero, uma cultura, uma religião e uma sexualidade. Até o estudo da música concentrou-se em estudar uma música produzida sob os marcadores sociais da cultura hegemônica, contribuindo para o silenciamento de outras culturas musicais, ignorando a produção e performance musical de mulheres, a ponto de tornar as categorias de análise musical expressões da dominação de gênero (CUSICK, 1994).

Como, então, refletir a respeito da minha formação e atuação como regente de corais em igrejas evangélicas, sob a perspectiva de um conhecimento localizado, capaz de oferecer uma explicação mais adequada, crítica e igualitária das realidades culturais e sociais específicas?

Neste trabalho, utilizo a palavra sítio como metáfora do meu lugar/regente de coral, da minha identidade, no contexto da Igreja Batista, atuando especialmente na região do Cariri, sul do estado do Ceará, nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. A partir desse sítio, inicio minha caminhada/pesquisa entre cânticos e coristas, locais ocupados por outros regentes, em contextos distintos, mas conectados ao meu. Para transitar do meu sítio para o lugar de outros/outras regentes e coristas, optei por uma autoetnografia, que procure também se aproximar dos aportes teóricos propostos pelas epistemologias feministas, aplicados ao conhecimento musical. O objetivo geral da minha pesquisa em andamento é refletir a respeito da minha formação e da minha atuação como regente de corais em igrejas evangélicas na perspectiva dos saberes localizados. Os objetivos específicos da pesquisa são realizar uma aproximação da literatura disponível que trata dos conceitos epistêmicos presentes nas teorias feministas de saberes localizados e, partir dessa base, descrever registros musicais encontrados no ciberespaço, em que atuo como regente de corais em igrejas evangélicas.

Nessa fase pesquisa, foi possível ter contato com uma fundamentação teórica consistente, que pode orientar minha investigação a respeito da regência de corais no

¹ Que consideram o conhecimento na perspectiva do gênero.

evangelicalismo brasileiro e contribuir para melhoria de minha postura pessoal e de outros regentes e professores de música. Além disso, as performances e os ensaios, compartilhados pelas mídias digitais podem proporcionar um material útil para a descrição e interpretação dos sentidos e dos fazeres de uma cultura musical. Uma autoetnografia que analisa esse material pode suscitar discussões a respeito da utilização dos meios eletrônicos como ferramenta de reflexão e aprimoramento da prática musical, dando uma significativa contribuição para a Educação Musical na área de formação de regentes de corais que atuam em contextos diversos.

1. Os saberes localizados, epistemologias feministas e autoetnografia

É possível afirmar que os paradigmas da Ciência Moderna têm sido utilizados historicamente para manter uma ordem social opressora, perversa e violenta. O paradigma do sujeito universal postula a existência de uma subjetividade racional única, que perpassa todo o ser humano, o qual pode ser inferido a partir da dúvida e da experiência. Para as epistemologias feministas, essa subjetividade não corpórea, sem classe, sem gênero, sem raça, universal, racional e não afetiva é inexistente e se constitui como um dos pilares fundamentais da negação de outros conhecimentos e de outras subjetividades que foram silenciadas e invisibilizadas historicamente.

Nos novos paradigmas do saber localizado, o conhecimento não é projetado em um arcabouço virtual idealizado, como na concepção platônica. O conhecimento é corporificado. Ele está presente em um contexto, um corpo, uma pessoa, um sujeito que sente e que age. O saber localizado propõe uma nova objetivação das subjetividades que seja capaz de lidar com a diversidade de culturas e de expressões pessoais. As epistemologias feministas anseiam por “um mundo que possa ser parcialmente compartilhado e amistoso em relação a projetos terrestres de liberdade finita, abundância material adequada, sofrimento reduzido e felicidade limitada” (HARAWAY, 1995, p. 15). Para Haraway, apesar de o projeto de saber científico se declarar universalizante, ele representa uma dominação masculina e branca característica das sociedades pós-industriais, racistas, tecnológicas e científicas.

Além de incluir o corpo nesse saber, as epistemologias feministas incluem a noção de gênero. Segundo Haraway, “gênero é um campo de diferença estruturada e estruturante,

no qual tonalidades de localização extrema, do corpo intimamente pessoal e individualizado, vibram no mesmo campo com emissões globais de alta tensão (1995, p. 29)”. Ao passo que as tensões políticas e sociais se manifestam em conflitos globais, as mesmas tensões se mostram no que há de mais individual e íntimo, no corpo.

As epistemologias feministas também fazem uma crítica ao binarismo presente na produção de conhecimento. Para Rosa, o binarismo entre público e privado “reforça a invisibilidade feminina em diversas áreas de atuação” (ROSA, 2010, p. 89). A autora destaca que a dicotomia entre o público e privado, promoveu a construção de identidades essencializadas e estáticas, nas quais se fazia distinção entre cultura e natureza, esta atribuída às mulheres e aquela aos homens. Na perspectiva das epistemologias feministas, é urgente uma nova caracterização do sujeito e da identidade. Essa constituição de identidade pode ser feita a partir da tríade pessoa, gênero e desejo. Levando consideração essa constituição triádica da identidade, os sujeitos não podem ser universais, mas subjetivamente únicos, cujas personalidades instáveis permitem a intersecção de marcadores sociais diversos, como classe, raça, gênero, geração e religião.

Desse modo, segundo esclarecem essas autoras é possível e urgente escrever em **primeira pessoa**. É necessário pensar-sentir a partir de seu lugar, de seu sítio e escrever para aqueles/aquelas que se interconectam com a subjetividade pessoal, por compartilharem lugares parecidos, mas diversos. É necessário endereçar o escrito pessoal e afetuoso aos/às pares marginais, como escreveu Glória Anzaldúa, para as demais mulheres escritoras do terceiro mundo (ANZALDÚA, 2000), e não mais para o sujeito universal masculino, que solitário ocupava por imposição o público e o racional.

No sentido de personificar o olhar investigativo, a autoetnografia tem se constituído como metodologia que une deliberadamente a experiência pessoal do pesquisador e o objeto a ser investigado. Para o autor Silvio Matheus Alves Santos, a palavra que designa esse conjunto de procedimentos que “refere-se à maneira de construir um relato (‘escrever’), sobre um grupo de pertença (‘um povo’), a partir de ‘si mesmo’ (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2017, p. 218).

De acordo com Benetti (2017), a autoetnografia tem as seguintes características: é uma metodologia baseada na experiência pessoal do/a pesquisador/a, valoriza as relações do/a pesquisador/a com outros, utiliza profunda autorreflexão, revela pessoas em processo

de descoberta, equilibra rigor metodológico com emoção e criatividade, bem como busca justiça social (ADAMS; JONES; ELLIS apud BENETTI, 2017, p. 152). Diferente da etnografia, na qual o/a pesquisador/a se insere no meio cultural em que o objeto de estudo está inserido/a, na autoetnografia o/a observador/a é o próprio objeto de estudo (BENETTI, 2017, p. 152). “O investigador tem o privilégio e a responsabilidade de ser sujeito e objeto (SCRIBANO; DE SENA apud BENETTI, 2017, p. 155)”.

A autoetnografia pode ser utilizada como arma de desconstrução da dualidade entre sujeito e objeto, como ressalta e empreende Vergueiro (2016) na luta pessoal e coletiva contra a cisgeneridade como normatividade. De acordo com a autora, a autoetnografia e seus processos autorreflexivos pode “re+descrever as complexidades de nossas históricas diversas, dores e brutalidades esquecidos ou neutralizados em estatísticas e lamentações, des+aprendendo epistemologias colonialistas e cartografando as utopias, sonhos, análises críticas e curas” (VERGUEIRO, 2016, p. 29).

A escolha da autoetnografia como metodologia que insere minha caminhada entre cânticos e coristas denota um amadurecimento pessoal que repercute em minha produção acadêmica. Reconheço que minha proximidade com o campo de pesquisa não é, antes de tudo, uma fraqueza, se não uma força, que pode me proporcionar mais do que um “falar sobre”, um “falar como”. Esse meu falar procura tornar visível um grupo significativo de sujeitos-agentes e inscreve meu crescimento espiritual na autorreflexão, podendo se tornar inspirador para demais sujeitos-agentes que, como eu, atuam com música vocal em espaços religiosos. Além disso, as acentuadas dicotomias brasileiras, polarizadas em orientações políticas e religiosas, que costumam reduzir artificialmente grupos heterogêneos a dois partidos, acabam por anuviar riquezas musicais e pedagógicas que transcendem os debates pontuais e, por vezes, transitam por caminhos “do meio”, mais ricos e mais conciliadores.

2. O meu sítio entre cânticos e coristas

Para realizar essa autoetnografia ainda incipiente, utilizei como marcos do meu sítio, dois vídeos que foram postados no site Youtube. Nesses dois vídeos, encontro-me momentos de regência de corais em uma programação de que participei entre os anos de 2008 a 2015, a Semana de Música Sacra. Essa programação é realizada pelo Seminário

Batista do Cariri, que fica na cidade do Crato, CE. A partir desses dois marcos do meu sítio, reflito sobre minha formação e atuação como regente de corais em igrejas evangélicas brasileiras.

2.1 - Entre Leipzig e Crato

O primeiro vídeo/marco² do meu sítio diz respeito a uma “interrupção” do ensaio, para falar ao grupo do que seria uma curiosidade (FIGURA 1). Comentei com o grupo ter visto um documentário a respeito do cotidiano de um coral, o coral da Igreja de São Tomé, em Leipzig, a igreja em que Johann Sebastian Bach havia atuado como diretor de música. Fiquei impressionado com o fato de que o coro infantil da Igreja de São Tomé não precisasse do apoio de um piano para afinar as vozes e que todo o ensaio fosse realizado à capela. Aquela curiosidade me ocorreu, porque estava afinando a nota de um dos naipes com o auxílio do piano.

FIGURA 1 – Comentário sobre o coral que ensaiava à capela



Quando disse ao coral que aqueles jovens, adolescentes e crianças não precisavam daquilo que era indispensável para nós, exclamei: “Dá uma raiva!”. Quando lembro dessa expressão, interpreto que me incomodava o fato de eu precisar passar tempo significativo dos ensaios passando a vozes com cada naipe até poder, finalmente, dar forma expressiva àquela peça musical. O coral da Igreja de Bach podia passar direto para a expressividade, uma vez que os alunos e professores daquela escola dispunham de uma estrutura que lhes proporcionava alcançar com relativa eficiência a música que se propunham a executar.

² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bBUeuZ_utG0. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

Outro comentário que aparece nesse registro/marco é minha ironia a respeito da rotina dos estudantes da igreja e escola alemã. Pelo documentário entendi que os alunos passavam o dia inteiro estudando música. Diante disso, minha interjeição foi: “Tenho tanta pena deles! Coitados!”. O que talvez fosse uma rotina extenuante de escalas, arpejos, aulas de canto, estudos teóricos, prática instrumental e horas de ensaio para aqueles meninos, para mim me parecia o próprio paraíso na terra. Fui irônico na interjeição.

Hoje essas reações não me parecem muito felizes. Parece-me que idealizei uma prática coral alheia a minha realidade e à realidade das igrejas onde atuei, considerando uma cultura musical que está em outro lugar. Aquele coral que canta à capela não me parece hoje nem pior nem melhor do que o coral que eu regia na ocasião da Semana de Música Sacra. Não é pior, porque sua experiência, considerada no seu local, de forma contextualizada, é significativa; nem é melhor, porque, considerando aquelas pessoas que eu regia, suas experiências pessoais, seus ambientes de trabalho, de estudo e de fazer artístico, e aqueles sons que fizemos juntos naquela semana, aquela experiência poderia também provocar inveja em outros ou em outras regentes.

A música dos “centros” representada nos programas de televisão que eu via na adolescência, representada na música dos teatros que eu frequentei, representada nos conservatórios de música que eu sonhara entrar, sempre me provocou um complexo de “vira-lata”, que, de forma inconsciente e triste, foi transportado para minha regência em comentários como o que fiz no vídeo, na escolha de repertório, nas repreensões que já dei nos ensaios com grupos vocais e na persistência em forçar um processo criação que não era autêntico. Creio que continuo me recuperando desse tal complexo, o sentimento de pensar que o outro opressor e central tem a chave da excelência e eu tenha que seguir os seus paradigmas.

Na Educação Musical, a Educação vem antes da Música. Se a Educação vem antes da Música, o que mais importa é o humano. A Música faz sentido quando privilegiamos as pessoas. Na perspectiva de uma Educação Musical mais humana e dos saberes engendrados e localizados, antes da Música, há pessoas, corpos, subjetividades, identidades e diversidades. Todas essas merecendo que, em seus sítios/lugares, não sejam nem marginalizadas nem oprimidas. Espero estar hoje passos à frente daquele lugar em que me vi no primeiro marco, desejando que meu exemplo inspire o avanço de meus/minhas pares.

2.2 - Entre a Europa e o Cariri

No segundo marco/vídeo³ do meu sítio, que enquadra a minha regência e parte da plateia, conduzo a música “Para que se conheça na terra” (FIGURA 2). A música é uma fuga para quatro vozes, acompanhada por orquestra de câmara. Ela faz parte de uma peça maior, o Salmo 67, que compus para a XII Semana de Música Sacra realizada em 2015. Lembro que, na ocasião do primeiro ensaio, essa música foi a mais complicada de preparar. O coral não conseguia manter o andamento, com a tendência de apressar o tempo. Para resolver a dificuldade, disse a todos que se mexer não era pecado, e que todos poderiam se movimentar no tempo proposto para sentir o ritmo. Fiz com o coral algumas dinâmicas. A insistência surtiu um efeito positivo.

Figura 2 - Regência na apresentação musical



No vídeo, a tensão e a formalidade do momento também são visíveis. Todos estão vestidos de preto, de acordo com a tradição de concerto. A batuta é utilizada para conduzir o grupo.

O tema da Semana de Música daquele ano de 2015 era missionário. Havia um desejo de que os corais e as orquestras abordassem músicas de diferentes culturas, inclusive músicas que não compõem o repertório dos hinos da Igreja. A intenção era que todos cantassem e tocassem músicas com um caráter de avance a novas fronteiras culturais. Escolhi com a organização do evento músicas da Argentina, do Congo, de Israel e dos

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4imDbBEaUE>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

Estados Unidos para compor o repertório de um dos corais⁴. Pensava que essa escolha fosse encontrar dificuldades de aceitação de alguns participantes ou de líderes que enviavam participantes de suas igrejas para o evento. Expliquei no primeiro dia do festival que muitos teriam a oportunidade de provar uma comida nova, um novo sabor, com o qual não estariam acostumados. Todos precisavam ousar, uma vez que, do mesmo modo que aprendemos a apreciar novos sabores, podemos aprender a apreciar músicas que estão culturalmente mais distantes de nós. Quando isso foi dito no primeiro dia da Semana de Música, senti a hesitação de alguns na plateia, mas confiava na proposta e creio que ela resultou positiva.

Figura 3 - Excerto da partitura de “Para que se conheça na terra”

Score

2. Para que se conheça na terra

Salmo 67

Carlos Renato de Lima Brito

Moderato (q = c 108)

Piano

Soprano

Alto

Tenor

Baritone

Violin I

Violin II

Viola

Cello

Pa-ra que se co-nhe-ça na ter-ra o teu ca-mi-nho e tua sal-va-ção!
Pa-ra que to-da ter-ra co-nhe-ça sal-va-ção! Se co-

A pequena fuga registrada no vídeo (FIGURA 3) é o segundo movimento do Salmo 67 (BIBLIA SAGRADA, 2008, p. 793). Utilizei o modo mixolídio⁵ no motivo musical presente

⁴ Formamos quatro corais para a Semana de Música Sacra daquele ano: dois coros mistos com jovens e adultos, um madrigal com os professores e um coro infantil.

⁵ A escala utilizada tinha as notas Fá-Sol-Lá-Si-Dó-Ré-Mib-Fá. Dependendo das circunstâncias, o quarto grau Si, ganha um bemol, e o sétimo grau Mi bemol, ganha um bequadro.

no sujeito. Pareceu-me que aquilo daria um toque nacionalista e nordestino para a peça, afinal, a Semana de Música estava acontecendo na região do Cariri. Incomoda-me a constatação pessoal de que, apesar de a cultura popular do Cariri ser intensamente rica em manifestações musicais e religiosas, estando presentes os benditos, as lapinhas, os reisados, os grupos de penitentes e as rezadeiras de renovação, a música evangélica passar praticamente incólume dessa influência. Também estão presentes no Cariri os poetas cantadores e a música instrumental das rabecas, dos pífanos, das zabumbas, das alfaias e seus grupos de música tradicional. Espanta-me como essas tradições consideradas cristãs estão fora dos templos, apesar de sua riqueza e de sua ancestralidade. Evidentemente a divisão histórica, doutrinária e institucional entre católicos e evangélicos não pode ser ignorada. Se o nosso país foi colonizado por um estado-nação católico, o cristianismo imposto teve forte influência sobre às populações locais. A negação desse catolicismo por parte do povo evangélico desviou-lhe das referências musicais católicas e aproximou-lhe das referências litúrgicas e musicais americanas, trazidas ao país com a chegada dos primeiros missionários evangélicos no século XIX, com seus hinários traduzidos dos hinários americanos.

As minhas inquietações referentes a distância dos evangélicos para o que seria mais nacional e o deslumbramento com a cultura popular e religiosa da região do Cariri me levaram a uma sonoridade que lembra o movimento armorial do fim do século XX, que se deu em Recife, Pernambuco, com a contribuição de Ariano Suassuna, Antônio Madureira, Antônio Nóbrega e Clóvis Pereira. Meu contato com a música erudita fez com que eu ancorasse o Salmo 67 nas formas clássicas, na harmonia tonal, na instrumentação barroca e na performance de corpos sérios e estáticos.

Considerações Finais

Estas reflexões apontam para necessidade de reconhecer e desenvolver as vivências acadêmicas e artísticas a partir do meu sítio. Assim será possível caminhar em pesquisa de modo ético e espiritualizado. Com essas reflexões busco uma fundamentação teórica consistente, que possa não somente orientar minhas investigações a respeito da regência de

corais no evangelicalismo brasileiro, mas contribuir para melhoria da minha postura como pesquisador, como regente e como pessoa, podendo servir de inspiração para meus pares.

Sou regente de coral em igreja evangélica. Essa observação faz toda diferença para o meu caminho. Diante das discussões feitas nesse artigo, a afirmação de que sou regente de corais nas igrejas evangélicas me leva a algumas ponderações. Primeira ponderação: eu não posso continuar estudando esse tema sem considerar que eu também faço parte dele. Segunda ponderação: quanto mais eu me aproximar da minha própria experiência como regente de corais em igrejas evangélicas, mais eu vou me aproximar de meu tema. Terceira ponderação: o reconhecimento do meu lugar é fundamental, para que a minha caminhada entre cânticos e coristas seja agradável, construtiva, crítica e salutar.

Neste trabalho, aproximei-me dos estudos feministas que defendem o conceito de saberes localizados, corporificados e gendrados, para construções de um conhecimento que seja mais adequado a realidade e mais dinâmico com a diversidade, que tenha olhar crítico para enfrentamento do estabelecido opressor e perverso, presente nos paradigmas da Ciência Moderna. Utilizei para a pesquisa um conjunto de técnicas presentes na autoetnografia, cuja metodologia inclui a autorreflexão e a autobiografia, considerando sujeito e objeto como equivalentes à pessoa do pesquisador. A partir de registros em vídeo de duas atuações como regente de corais de igrejas evangélicas pude levantar questões relacionadas a culturas musicais diversas, a conversas de ensaio, a Educação Musical, à presença do corpo, a escolha de repertório e a tensões presentes no campo estudado que são criadas a partir da gravitação dos polos tradição, religião e cultura popular.

Os resultados iniciais apontam para adoção de uma fundamentação teórica, que possa orientar a pesquisa a respeito da regência de corais no evangelicalismo brasileiro e contribuir para melhoria da minha postura como pesquisador, regente e pessoa. Além disso, as performances e os ensaios, compartilhados pelas mídias digitais proporcionam um material útil para a descrição e interpretação dos sentidos e dos fazeres da cultura musical. Foi através da observação dos vídeos presentes no ciberespaço que essas primeiras reflexões sobre meu lugar/sítio foram possíveis, em um exercício produtivo de olhar para si mesmo e para as experiências musicais e espirituais vivenciadas.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feminista*, Florianópolis, Vol. 8 (1), p. 229-236, 2000.

BENETTI, Alfonso. A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística. *Opus*, v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017.

BÍBLIA SAGRADA. *Traduzida em português por João Ferreira de Almeida*. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica no Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia crítica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2003.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CUSICK, Suzanne. Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/ Body Problem. In: *Perspectives of New Music*. Vol. 32, No. 1 (Winter, 1994). Pp. 8-27. In: www.jstor.org/stable/833149. Accessed: 15/08/2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos PAGU*, n. 5, 1995, p. 07-41.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

POPPER, K. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Editora UnB, 1972.

ROSA, Laila. Pode performance ser no feminino? *Ictus*, vol. 11, n. 2, Salvador, UFBA, 2010, p. 83-99.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre ciência*. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.